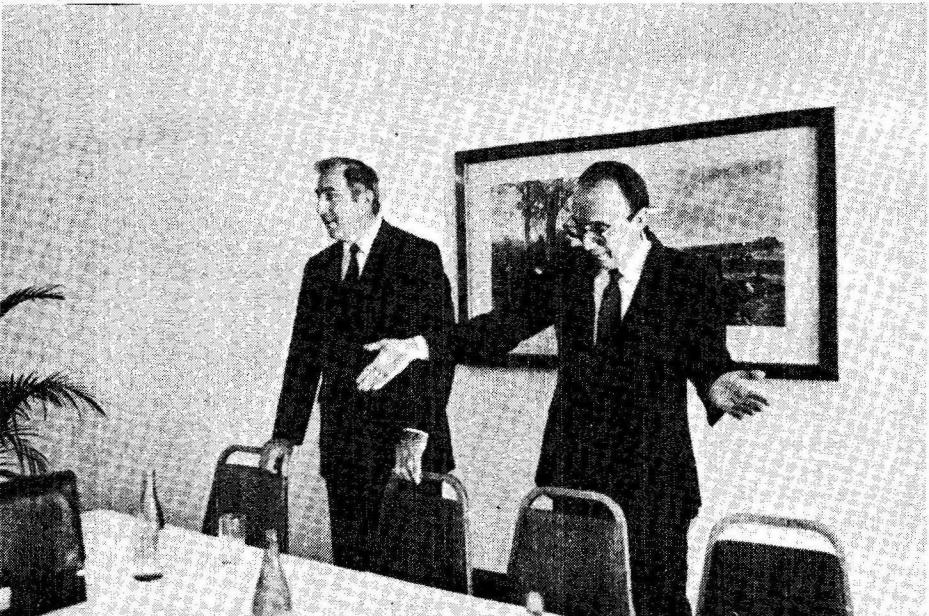


Funaro acha duro negociar a dívida

ext.

Mas afirma que o tom não vai mudar: "Primeiro o interesse do País"

GIVALDO BARBOSA



Ira Stepanian foi recebido pelo seu presidente no Brasil, Henrique Meirelles

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, reconheceu, ontem, após almoçar com o presidente do First National Bank of Boston, Ira Stepanian, que o Brasil enfrentará renegociação difícil da dívida externa, mas ressaltou que o governo tem conseguido abrir portas importantes junto aos credores e continuará na retórica de defesa dos interesses nacionais acima de tudo. Confrontado com as informações de que o país banca um jogo pesado junto aos credores e para fazer valer os seus argumentos respondeu: "É verdade".

Para Dilson Funaro, muita coisa mudou na economia brasileira, sendo que, um dos aspectos mais importantes é o de que o país deixou de ajustar a sua economia às alterações impostas de fora para dentro. Agora, lembrou, o país fixa as suas prioridades e vai lá fora negociar, tendo como parâmetro básico as necessidades de crescimento da economia.

Sobre o seu encontro com o presidente do Banco de Boston, disse que usou os mesmos argumentos que vem defendendo junto aos demais credores do país, isto é, de que o país não vai se submeter ao monitoramento anual do Fundo Monetário Internacional, a não ser aceitar o que diz o artigo 4º do estatuto desta instituição que prevê somente um acompanhamento da economia do país,

sem direito a maiores interferências na execução da política econômica.

O maior obstáculo às pretensões brasileiras está relacionado às negociações com os 14 países credores ligados ao Clube de Paris. Eles exigem que o Brasil negocie antes com o FMI antes de qualquer acordo futuro. O teste decisivo a tal pretensão deverá ocorrer neste fim de semana em Frankfurt, Alemanha, para onde viaja o ministro amanhã à noite. Lá, domingo, fará uma palestra sobre investimentos, na presença do presidente da Alemanha, e, na segunda-feira, vai se reunir com as autoridades econômico-financeiras alemãs, para discutir a dívida brasileira no Clube de Paris do qual a Alemanha é um importante sócio. Para saldar a dívida, o governo adotou uma posição unilateral. Decidiu estipular quanto pagará e tomou atitude agressiva: "Quem não aceitar que devolva o cheque", disse o ministro.

Funaro admitiu que o governo brasileiro poderá negociar em separado com os bancos particulares se o Clube de Paris insistir na necessidade de o país submeter-se ao monitoramento do FMI. O ministro acredita que os bancos negociarão separadamente com o Brasil tendo como parâmetro somente o que diz o artigo quarto do Fundo.